

# REPÓRTER GAIA

Sirlei Aparecida Lemos<sup>1</sup>  
Karla Brumes<sup>2</sup>

## RESUMO

Um dos grandes problemas enfrentados em sala de aula é a leitura, e o educando, ao deparar-se com um texto, na maior parte das vezes lê, mas não o compreende. Para a Geografia, compreender o que está escrito, é de fundamental importância na leitura do mundo. Neste sentido, foi necessário fazer com que os alunos aprendessem a ler o texto que a eles proporcionasse o entendimento claro de cada palavra, de cada expressão para então, entender o contexto, a partir de uma maneira diversificada de ler o mundo e que fosse atrativa. Após a leitura, os alunos em grupo, criaram os seus próprios textos para narrá-los em um Telejornal. Diante disso, o objetivo da proposta implementada foi fazer com que os alunos, a partir de um texto, aprofundassem seu conteúdo, ampliando, efetivamente, seus conhecimentos, por meio da editoração de um telejornal. Após esse momento foi perceptível que os alunos procuraram saber mais sobre os assuntos trabalhados. Entendemos que a partir desta experiência que quando os alunos realizam atividades diferentes, dinâmica, sobre o conteúdo ministrado, eles aprendem mais.

**Palavras-chave:** Leitura; interpretação; telejornal.

## ABSTRACT

A great problem faced in classroom is reading. The students many times, read a text but do not understand it. To study geography it is necessary the comprehension to understanding to read the world. Thus, it was necessary to make the students to read besides the words of a text. It was necessary to show them how to read to catch the meaning in a context in an attractive and different way. After reading, the students worked in groups, wrote their own text to tell in television news. So, the purpose of this work was to make the learners, from a text, went deeper into the contents, expanding their knowledge publishing television news. After that, it was realized that the students looked for more information about the subjects. It was noticed that after this experience, when the students participate in different, dynamic tasks, the learning becomes more effective

**Key words:** Reading; interpretation; television news.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Autora e professora PDE da disciplina de Geografia do Município de Prudentópolis – PR.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Orientadora do PDE, doutora em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente-SP.

Ao iniciar o Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná (PDE) foi requerido a elaboração de um projeto a ser implementado na escola, cujo objetivo era combater as problemáticas do cotidiano escolar. Desde logo, se verificou que o principal problema que incomodava os professores, junto aos alunos era, a questão da leitura.

O educando ao deparar-se com um texto, em sua grande maioria das vezes, não lê, ou não quer ler porque acha a atividade cansativa e, quando o faz é de forma tão rápida, pois, sua intenção é, acabar logo. Não há, portanto, o que se falar em interpretação textual e isso precisava ser mudado.

Primeiramente, o aluno deveria entender que a leitura é uma atividade de paciência, onde se exige, a cada momento de dúvida, como o não compreender determinada palavra ou conceito, que se pare para buscar o seu significado. Depois, ler, ler de novo, e, de novo, até que ocorra a compreensão textual, ou seja, que o aluno entenda, efetivamente, aquilo que leu.

É uma atividade “chata”, conforme sempre afirmam os alunos. Por isso, o projeto estipulou, também, outra meta, a saber, a de criar um texto para ser apresentado em formato de telejornal, sempre apoiados na idéia de que, o aluno gosta e até anseia por desenvolver atividades diferentes em sala. Em síntese, o objetivo desta proposta foi fazer com que o aluno, através da leitura de um texto, aprofundasse o conteúdo, ampliando seu conhecimento e, demonstrasse a sua compreensão.

O que se percebe no dia-a-dia em sala é, que quando se realizam atividades diferentes em cima de um conteúdo ministrado, o aluno aprende mais, principalmente se a atividade realizada for diferente daquela que está habituado. Portanto, ensinar o aluno a ler, de forma dinâmica, permeou todo o desenvolver desta proposta e, a opção de criar um telejornal e depois editá-lo em DVD, atraiu os alunos, afinal, eles têm contato com uma infinidade tecnológica nunca antes vista.

A problemática levantada está presente, a Geografia, que é uma disciplina, cuja leitura e interpretação são à base de seu entendimento. Sem falar, que os alunos, de modo geral não gostam dessa disciplina, pois afirmam que para saber Geografia tem que “decorar”.

Esse descontentamento com a Geografia tem a ver também com o modo de trabalho do professor e, não apenas o entendimento do aluno que acha que é só decorar e pronto.

Enfim, o que se propõe com este trabalho é, levar o aluno a ler, a entender sem decorar, e, a ser capaz de relacionar o texto ao seu contexto.

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**

Há algum tempo, a dificuldade na interpretação de textos tem feito parte do cotidiano escolar. Ao se realizar avaliações que tem como base textos, a dificuldade é facilmente perceptível, pois, a nota alcançada, geralmente, é inferior aquela conseguida com uma avaliação que não utilizou compreensão textual. Quando se leva para a sala de aula, jornais, revistas e outros textos, a intenção dos alunos é a de os ler “correndo”, para terminar logo a leitura e a atividade. Assim, não conseguem de forma clara e objetiva descrever o que entenderam ou o que determinado texto quis dizer.

Outro ponto importante a ser considerado é a questão da própria Geografia que durante muito tempo foi tida como uma disciplina que se aprendia apenas decorando. Em Cavalcanti (2007), professoras de Geografia ao indagarem alunos, sobre os motivos pelos quais eles afirmam não gostar de Geografia, obtiveram como resposta:

“...eu nunca fui boa pra memorizar e a gente tinha de memorizar, né? Então eu acho que naquilo ali, só você decorar e você não saber o que está fazendo, eu acho que isso faz a gente não gostar das coisas...., dependendo do professor, o aluno gosta de Geografia, porque eles têm mania de decorar, isso é depressão, decorar o que é depressão... (p.131).

Este pensamento, que o aluno tem acerca da Geografia, que apenas decorando se aprende e, que ainda é muito comum, há que ser eliminado, pois estudar Geografia é conhecer, entender o mundo que nos cerca, sendo necessário muita compreensão. Nesta linha, afirma Cavalcanti (2007):

O aluno, em geral, não quer decorar fatos, nomes da Geografia, não porque ele não quer decorar nenhuma informação, mas porque ele é não é mobilizado para as informações da Geografia. É claro que o ensino de nenhuma matéria pode se pautar apenas pela memorização. Ensino é um processo de conhecimento, é mudança de qualidade no pensamento e a memorização enquanto tal não é conhecimento, nem provoca mudança na qualidade do pensamento (p.133).

Portanto, se é preciso mudar a postura do aluno, demonstrado a importância de se adquirir conhecimento é, preciso provocar a mudança de

pensamento, pensando na formação de um indivíduo participativo e conhecedor do mundo que o cerca, é necessário retomar a questão da leitura criando formas diferenciadas, dinâmicas e atrativas de ler e compreender um determinado texto. Diante disso, ao prefaciar o livro “A importância do Ato de Ler”, de Freire (2005), Antonio Joaquim Severino dispõe:

(...) E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não uma manipulação mecânica de palavras mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (p.8).

Este entendimento, onde a leitura é uma relação dinâmica de aprendizado do mundo, de sua realidade é, o que deveria permear toda a educação escolar. Esta problemática também se faz presente nas aulas de Geografia, pois o aluno ao trabalhar um texto em sala, o faz tão rapidamente que o resultado é a sua não participação quando indagado sobre o que leu. Dessa forma, o professor arca com a responsabilidade de explicar ao aluno o que o texto referenciava, acarretando a interpretação unicamente do professor. Nesse sentido expõem Freire (2005):

Desde o começo, na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador (p.29).

Denota-se com isto, que os alunos não são entendedores da realidade que os cerca, por não saberem interpretá-la, ou porquê o texto não faz parte do seu cotidiano, então, apenas assimilam aquilo que o professor disse ser a verdade. E, não é esse o posicionamento que as diretrizes políticas do Estado requerem, nem é esse o posicionamento de um cidadão consciente, crítico e, participativo.

Também, não há o que se falar em descarte do conhecimento prévio do aluno, daquela leitura que ele faz do mundo a sua volta, pois, suas vivências sempre devem ser consideradas. Muito mais que transmissão de conteúdo e, para além deste, se deve conduzir o aluno a partir de seu conhecimento, juntamente com os conteúdos ministrados buscar a sua própria interpretação do mundo. Nesta linha, Freire (2005), relata que a importância de ler é um processo que reside na necessidade de uma compreensão crítica da leitura e, não simplesmente o decodificar de palavras. Ainda, muito bem colocado, complementa:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto (p.11).

Ao citar as relações entre texto e contexto, o autor se refere à leitura de mundo que o ser humano absorve durante sua vida, suas experiências, sua memória, onde a compreensão crítica já se insere, mesmo antes de tomar conhecimento do processo da leitura escrita. Essa leitura experienciada de mundo já se faz presente desde o momento do nascimento, quando do contato do ser humano com o mundo a sua volta. Aos poucos, essa leitura experienciada se acumula em forma de conhecimento. Não há como descartar esse conhecimento adquirido.

Outro fator de grande relevância no âmbito escolar relacionado à leitura são os textos, ou seja, a qualidade daquilo que está escrito. São variados livros e textos que aparecem na escola, ou são levados pelos docentes, ou retirados da *internet*, que muitas vezes são textos longos, onde a quantidade ultrapassa a qualidade. Segundo Freire (2005):

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada deste outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. No entanto, um dos documentos filosóficos mais importante de que dispomos, As teses sobre Feuerbach, de Marx, tem apenas duas páginas e meia...(p.17-18).

É nesse sentido que se pode afirmar que a quantidade ultrapassou a qualidade. Não é preciso ser um texto longo para ser bom. Isso se tornou comum no cotidiano escolar. Parece que o “bom livro” é, aquele “mais grosso”. E, mesmo os alunos quando fazem um trabalho escrito para o professor, a primeira pergunta é, quase sempre: Quantas páginas professor? Isto já está incrustado em suas mentes. Esta noção distorcida de que a quantidade é mais valorativa que a qualidade há que se findar.

A proposta implementada, “Repórter Gaia”, pretendeu resolver esta problemática fazendo com que o aluno, a partir de uma leitura, efetivamente, compreendida, interpretada, mais o seu conhecimento da realidade, torne-se mais participativo e possível transformador social.

Entretanto, outro obstáculo se fez presente: Como, efetivamente, ler e interpretar? Ora, o ato de ler implica, necessariamente, o ato de estudar, que

nada mais é do que entender aquilo que se está lendo, quer seja, o saber interpretar. Se é praticando que se aprende a andar, a nadar, a dirigir, é praticando que se aprende a ler. Nas palavras de Freire (1997):

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E, a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade (p.29-30).

Analisando, Freire coloca a curiosidade como um fator preponderante ao ato de ler, ao ato de gostar de ler. Realmente, é preciso encantar o aluno com o texto e, esse encantamento depende da idade, da maturidade do educando. Cabe ao professor, para cada situação, série e idade, encontrar a leitura certa. De nada adianta lançar mãos de longos textos, sem nexos e, por vezes, de letras miúdas. É lógico que o resultado são alunos “lendo correndo a tudo”, para acabar a “tarefa” logo, mas nada de interpretação. Em “A produção da Leitura na Escola”, Silva (2005) descreve:

Se refletirmos bem, veremos que o professor é o intelectual que delimita todos os quadrantes do terreno da leitura escolar. Sem a sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegará a produzir o benefício que a sociedade espera e deseja, ou seja, a leitura e leitores assíduos e maduros (p.19).

Não seria necessário ler o livro acima referenciado para saber que cabe ao professor a árdua tarefa de pesquisar, delimitar e, buscar leituras corretas e coerentes a serem aplicadas ao aluno. Essa tarefa é trabalho do educador quer este queira ou não.

Uma forma eficaz de encantar o aluno para a leitura é buscar textos onde o contexto deste seja parte de cotidiano, que tenha a ver com a sua vivência. No caso do Ensino Médio, primeiramente se deve inserir textos pequenos, mas curiosos, que chamem a atenção, que incitem a mais pesquisas. Gradualmente, eleva-se o nível. Por isso mesmo, o ato de ler é um ato de paciência e muita persistência. Afinal, estudar é um ato de paciência. É, nesse sentido que Freire (1997) complementa:

Se estudar para nós não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com

que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação (p.37).

Há quem goste de ler e, goste muito. Há quem não passe um dia sequer sem ler. Por vezes, nos deparamos com pessoas em viagens, em praças, etc, que sempre estão lendo. Mas, esse gostar de ler foi conquistado aos poucos. Em algum momento da vida alguém lhes ensinou, de alguma forma, que ler era importante e, por vezes, prazeroso. Faz-se necessário encontrar uma forma, uma maneira diferente de ensinar o aluno a ler e a gostar de ler.

Ao descrever a importância da leitura, em vários momentos e, em vários livros, Freire enfatiza a relevância do aprender a fazer, de se é praticando que se aprende. E, neste mesmo sentido a psicóloga Vera Miranda (2008) se reporta:

O Professor é um elemento chave na organização das situações de aprendizagem, sendo o responsável por dar condições para que o aluno “aprenda a aprender” desenvolvendo situações de aprendizagem diferenciadas, a fim de estimular a articulação entre saberes e competências (p.12).

O que a referida psicóloga afirma condiz com a realidade. Primeiro, porque é necessário “aprender a aprender” e, segundo porque é responsabilidade do professor essa tarefa. Por isso mesmo, se faz necessário desenvolver maneiras diferentes de aprendizagem, de sair do modismo das aulas expositivas. Ensinar não é apenas expor um conteúdo, como também é, a forma de sua exposição, sua qualidade e direcionamento.

Entretanto, há que se tomar cuidado na implementação de uma proposta que tem por base o “aprender a aprender”. É neste sentido que Newton Duarte faz uma reflexão e critica alguns direcionamentos da pedagogia do “aprender a aprender” (disponível no Portal Educacional – PDE), de uma pedagogia diferenciada de trabalho, de métodos ativos, que deixa de lado a prática cotidiana de aulas expositivas. Segundo o autor, os adeptos desta linha pedagógica buscam uma educação escolar que desenvolva no indivíduo a capacidade e a iniciativa de buscar por si mesmo novos conhecimentos, autonomia intelectual, liberdade de pensamento e de expressão (2001).

Ao contrariar a pedagogia do “aprender a aprender”, Duarte (2001, p.36-37), critica os posicionamentos valorativos de seus seguidores, pois, estes afirmam que o aluno é capaz de aprender, de realizar uma aprendizagem significativa, por si só; que o conhecimento construído pelo aluno é mais

importante que o conhecimento transmitido pelo professor; que os docentes devem parar de ministrar aulas expositivas.

Em concordância com o que Duarte criticou, o aluno não consegue simplesmente aprender por si só, a figura do professor é indispensável, no sentido de permear o tipo de conteúdo e sua ideologia. Não há como, simplesmente deixar o aluno buscar o que quer conhecer, ou, o que quer saber.

O aluno constrói o seu próprio conhecimento, mas, de forma alguma se pode afirmar que este conhecimento construído, por si só, é mais importante que o transmitido, não há comprovação para tal afirmação.

Em relação às aulas expositivas é verdade que nossos alunos preferem métodos diferenciados. Afinal, a rotina de aulas expositivas é desgastante e, essa metodologia de ensinar tornou-se regra geral. Ora, não só é importante, como necessário quebrar a rotina, inovar, mudar, criar metodologias diferentes em sala de aula.

Nesse contexto, a solução para efetivar a leitura em sala passaria, necessariamente, pelo “aprender a ler”. Todo o desenrolar da proposta, objetivada no projeto, se deu através do “aprender a aprender”, do “aprender a ler”, mas, levando em consideração o papel fundamental e indispensável do professor que é o de ensinar e, não de um simples supervisor.

## **CONTEÚDO**

Na sequência da proposta, na sua implementação foi necessário escolher que conteúdo se trabalharia com os alunos, que livro, que material deveria ser utilizado. Logicamente, que a escolha deveria permear o direcionamento do Estado e, o posicionamento profissional.

Assim, optou-se por seguir o embasamento teórico das Diretrizes Curriculares de Geografia do Estado do Paraná, que relata as significativas mudanças do pensamento geográfico pós Segunda Guerra Mundial, contrapondo-se, especialmente, ao pensamento geográfico tradicional. Neste sentido se buscou leituras mais críticas e, condizentes com a realidade dos alunos. Tudo permeando uma leitura mais crítica, baseada na ideologia profissional e, de acordo com as Diretrizes (2008) que postulam:



Assim, as mudanças que marcaram o período histórico do pós Segunda Guerra Mundial possibilitaram tanto reformulações teóricas na Geografia quanto o desenvolvimento de novas abordagens para seus campos de estudo. Nesse movimento de renovação do pensamento geográfico, porém uma abordagem teórico-conceitual chegou ao ensino de forma significativa, contrapondo-se radicalmente ao método da Geografia Tradicional e propondo uma análise crítica do espaço geográfico. Tal abordagem foi denominada de geografia Crítica (p.9).

Diante desta situação, as Diretrizes propuseram um repensar na prática pedagógica, uma profunda reflexão sobre a disciplina de Geografia e seu ensino. Conseqüentemente as Diretrizes adotaram como conceito de objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico, entendido como o espaço produzido e apropriado pela sociedade (SANTOS, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996, p.19), em seu artigo 35, anteriormente as Diretrizes Estaduais do Paraná, mas com o mesmo escopo, já postulou a importância de se formar cidadãos conscientes, críticos e envolvidos com as mudanças espaciais advindas de novas tecnologias. Este documento afirma o dever de aprimorar o educando como pessoa humana, incluindo-se aí a sua formação ética, sua autonomia intelectual e seu pensamento crítico.

E, quando as Diretrizes Estaduais postulam que a formação de conceitos geográficos não deve ser limitada a um só autor, a um só documento, cabe ao profissional professor fazer isto acontecer. Nesse mesmo enfoque a LDB complementa: “Os conceitos devem advir de profundas e variadas leituras. Neste sentido, de formar um cidadão consciente, crítico e autônomo” (1996, art. 35, inciso III).

Em conformidade com a concepção teórica das diretrizes, que enfocam quatro grandes conteúdos estruturantes para a Geografia, considerados quatro pilares do conhecimento geográfico e, fundamentais para a compreensão do objeto do estudo da Geografia, a opção foi escolher um destes pilares para trabalhar. Essas dimensões do conhecimento são: dimensão econômica da produção do espaço; dimensão política, dimensão socioambiental e dimensão demográfica e cultural do espaço.

A escolha se pautou na “Dimensão Socioambiental do Espaço” já que este conteúdo, conforme planejamento da escola, deve ser trabalhado nas séries finais do Ensino Médio por esse motivo, a proposta foi implementada com estas turmas. A dimensão socioambiental como conteúdo estruturante

permite uma abordagem complexa no âmbito geográfico por não se restringir apenas aos estudos da fauna e da flora ela, questiona, a interdependência das relações entre sociedade, elementos naturais, aspectos econômicos, sociais e culturais. Enfim, esta linha de pensamento põe fim na dicotomia da Geografia Física, e Humana. Neste sentido, realizando uma reflexão acerca da Geografia Escolar, suas mudanças ambientais globais e, locais, se posiciona Gomes (2007):

Ora, os problemas ambientais são resultados da forma de apropriação social da natureza, numa relação de poder que se dá entre os agentes externos e internos do lugar, suas conseqüências são sempre espaciais – no campo, na cidade, na atmosfera, nos mares, nos rios....A geração dos problemas ambientais, oriundas das indústrias, do lixo, da queima de combustíveis fósseis, do esgoto, enfim....São produtos das relações sociais de produção que, numa sociedade capitalista, tem como característica a desigualdade (p.247).

A autora fala da necessidade de considerar a Terra como um organismo vivo, bem como a relevância do estudo do meio ambiente de forma ampla, contextualizada, sem compartimentalizar a ciência geográfica, conforme se depreende:

(...) o conceito de meio ambiente não pode se restringir as suas dimensões físicas e biológicas, mas também histórica, social, cultural. Pois, a interação do homem com ele mesmo e com os demais antes da natureza provoca transformações que não permitem mais pensar um ambiente apenas em uma das suas dimensões seja ela biológica ou física (p.245).

Tal qual o posicionamento de Gomes, as Diretrizes Curriculares de Geografia (2008), também se reportam ao estudo do meio ambiente de forma ampla, considerando todos os seus aspectos, conforme se percebe:

A abordagem geográfica deste conteúdo estruturante destaca que o ambiente não se refere somente a questões naturais. Ao entender ambiente pelos aspectos sociais e econômicos, os problemas socioambientais passam a determinar, também, questões de pobreza, de fome, do preconceito, das diferenças culturais, materializadas no espaço geográfico (p.39).

Escolhido o conteúdo a ser trabalhado, Dimensão Socioambiental, restou escolher o material. Ocorre, que numa Escola Pública, a grande maioria dos educandos são carentes e, o material a escolher deveria compatibilizar com o direcionamento político do Estado. Assim, optou-se por trabalhar, não só, mas, especialmente o Livro Didático Público. Este material está disponível gratuitamente a todos os alunos, foi confeccionado pelos próprios professores estaduais que, embasados nas Diretrizes e, em um novo estilo pedagógico, o editaram. Em conformidade com o aqui exposto, a apresentação do livro (2006), descreve:

Neste livro há uma preocupação em escrever textos que valorizem o conhecimento científico, filosófico e artístico, bem como a dimensão histórica das disciplinas de maneira contextualizadas, ou seja, numa linguagem que aproxime esses saberes da sua realidade. É um livro diferente porque não tem a pretensão de esgotar conteúdos, mas discutir a realidade em diferentes perspectivas de análise; não quer apresentar dogmas, mas questionar para compreender. Além disso, os conteúdos abordados são alguns recortes possíveis dos conteúdos mais amplos que estruturam e identificam as disciplinas escolares. O conjunto desses elementos que constituem o processo de escrita desse livro denomina cada um dos textos que compõem de “Folhas” (p.6).

No Livro Didático Público de Geografia há todo um capítulo, com base no Conteúdo Estruturante: Dimensão Socioambiental, material este que, a todo momento incita o leitor a buscar mais, a analisar a realidade em diferentes perspectivas. Assim, a proposta implementada iniciou com este material, mais nele não se esgotou porque o objetivo do trabalho foi, também, o de desenvolver tópicos específicos sobre os impactos ambientais, extensivamente estudados para serem transformados, dada a interpretação dos alunos, em um Telejornal. Ao estudar os impactos ambientais foi necessário procurar mais textos, mais explicações.

Os textos usados em sala de aula foram trazidos por alunos, juntamente com os professores que leram e tiraram suas conclusões. Os textos foram retirados de outros livros e da *Internet*.

## **REPÓRTER GAIA**

Como já descrito, a proposta implementada, cuja denominação ficou “Repórter Gaia”, objetivou levar os alunos à “aprender a ler”. Inicialmente foi colocado aos alunos de quatro turmas de terceiras séries do Ensino Médio o que era a proposta, seus objetivos e, como se dariam os trabalhos. Após a explicação do projeto foi exposto um *power point* sobre a Teoria de Gaia explicando o porquê do nome do projeto e a importância desta teoria.

O nome Gaia é uma homenagem à deusa Gaia, divindade que representa a Terra na mitologia grega. A Teoria de Gaia foi elaborada na década de 1970, pelo cientista e ambientalista James Lovelock. Em 1969, a Agência Espacial Norte Americana (NASA), pediu a Lovelock que investigasse Vênus e Marte para saber se eles possuíam alguma forma de vida. Para além de suas conclusões sobre Vênus e Marte, o cientista ao verificar o próprio planeta Terra, considerou este como um grande ser vivo, onde cada organismo

era responsável pela preservação de outro organismo. Uma de suas afirmações se deu sobre a atmosfera da Terra, que esta seria um produto biológico, sendo constantemente construída e consumida pelos seres vivos. Muitas foram suas considerações e, segundo Menegat (2004):

A partir dessas constatações elementares, Lovelock chegou a algumas conclusões originais: primeiro, que a vida num planeta seria indicada por um conjunto de elementos ao invés de constituir-se num fenômeno isolado e, por isso mesmo, esse conjunto afetaria todos os recantos e fendas da superfície terrestre (p.383).

No início, a Teoria de Gaia foi rejeitada pela maior parte da comunidade científica, dada a sua falta de comprovação, mas com o lançamento de satélites no espaço, que acabaram trazendo maiores dados sobre o planeta, essa teoria foi reforçada. Muitos são os debates e discussões em torno desse tema, pois, como coloca Menegat (2004), Lovelock afirma, até mesmo, que as pedras, céus e águas são partes do ciclo vida:

Apesar de pedras, águas e céus da superfície da terra não estarem impregnados de vida, eles são vistos na Teoria de Gaia como totalmente integrados aos processos da vida, assim, não são apenas componentes passivos, mas ativos participantes (p.379).

Apesar, das muitas dúvidas que persistem ainda em relação à teoria posta, o intuito de colocar seu nome no projeto, se deve ao fato de se que a Terra é um gigantesco organismo, onde cada elemento é importante a outro elemento. Onde o ser humano é, apenas, um dos elementos e, como tal deve cuidar do equilíbrio deste ambiente, já que, segundo a teoria, é a vida da Terra que cria as condições para a sua própria sobrevivência.

Apesar das dificuldades de definição do que é a vida no mundo científico, essa teoria é uma nova forma de se entender o meio ambiente, pois se sabe que o ser humano faz parte do todo e que o planeta é um ser que se auto-regula. A Terra é uma interação entre o vivo e o não-vivo. Precisamos perceber que fazemos parte de um organismo vivo que se auto-regula e interage com os outros seres.

Dessa forma, objetivou-se demonstrar aos alunos a importância de se preservar o planeta, pois o fenômeno do aquecimento global, a crise climática do mundo e, muitos outros problemas ambientais, são decorrentes, principalmente, da ação do homem sobre o planeta. Essa ação humana, desordenada, quebra o equilíbrio do planeta. Assim, o estudo da dimensão socioambiental deveria refletir sobre os impactos ambientais que a sociedade fabrica e, como minimizá-los.

## IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

O desenvolvimento da proposta aconteceu em duas fases: a primeira foi o estudo da dimensão ambiental de forma mais ampla; e na segunda fase, o estudo de temas ambientais específicos. Em ambos os casos, após a interpretação dos textos, os alunos elaboraram suas sínteses e as apresentaram no Telejornal. Entretanto, somente os temas ambientais específicos foram filmados em DVDs.

Ao iniciar o trabalho com os textos, dividiu-se cada uma das quatro séries, em cinco grupos, com mais ou menos sete alunos por grupo. Cada um dos grupos ficou com uma determinada parte do Conteúdo Estruturante: Dimensão Socioambiental, do Livro Didático Público de Geografia. Os cinco temas foram:

- *Introdução: Dimensão Socioambiental*: o texto referencia a importância do meio-ambiente, a preocupação da geografia com a natureza; a relação sociedade-natureza; os eventos e os debates mundiais sobre a questão ambiental.

- *Os Seres humanos são racionais. Será?*: aqui, a exposição textual relaciona as mudanças ambientais na Escala Geológica do Tempo; o problema da erosão, desertificação, salinização e outros temas afins.

- *Pare de Sonhar com um Carro*: a sociedade de consumo teve enfoque principal no refletir a utilização dos recursos naturais (carvão, petróleo, etc) e a mudança no modo de vida da sociedade.

- *Catástrofes são Evitáveis ou Inevitáveis*: este tema procura analisar as catástrofes naturais, suas consequências e, a possibilidade de minimizar seus impactos.

- *Você Toma Veneno?*: a reflexão deste capítulo gira em torno do estilo de vida da sociedade, de sua alimentação, das técnicas utilizadas pela agricultura moderna e, a sua ligação com o espaço geográfico.

Após a distribuição dos textos, a tarefa era fazer com que os grupos ao lerem o texto, o fizessem lentamente, não importando quantas aulas seriam necessárias para a leitura. O objetivo era decifrar parágrafo por parágrafo e, como o auxílio da professora, de dicionários de Português e de Geografia, inserir ao texto o significado de palavras desconhecidas pelo grupo, para que

estes entendessem o contexto. Após, o grupo debateria junto à professora, o entendimento de cada parágrafo lido.

Surgiram alguns obstáculos. Não se conseguia trabalhar na sala de aula com os cinco grupos ao mesmo tempo, pois eram textos diferenciados e que exigia uma leitura oral de cada grupo em separado. Um grupo acabava atrapalhando o outro. Para solucionar esta questão, optou-se por trabalhar com os grupos espalhados pela escola (pátio), porém, o grupo que ficava em sala era o primeiro a receber atenção da professora, enquanto os outros grupos acabavam ficando um pouco sozinhos.

Isto acarretou questionamentos na escola, por parte dos professores, inspetora de alunos, como por exemplo: “que professor é este que abandona vocês? Por que vocês estão fora de sala? Vocês só vivem pra fora? Não têm aula? Afinal, aula tem que ser expositiva e em sala fechada. Este é, infelizmente o pensamento que se sobressai em nossas escolas baseados num formalismo didático de disciplina acima de tudo, que tem de um lado, o aluno que gosta do diferente e, de outro a escola que não está preparada para o diferente.

Outra dificuldade enfrentada foi à utilização da biblioteca e da sala de informática. Tinha que agendar com antecedência para ir aos computadores. Agendava-se, mas outros professores questionavam o porquê da Geografia utilizar tanto a informática. Ou, quando se agendava, muitas vezes os alunos eram proibidos de entrar e pesquisar porquê já haviam estado lá no dia anterior e, outro professor precisava da sala. Este é um problema corriqueiro já que a escola conta com apenas um laboratório de informática.

Tanto a sala de informática, quanto a Biblioteca tem regras: não se deve encaminhar muitos alunos ao mesmo tempo e nem deixá-los sozinhos. Foi difícil, pois, ninguém perguntava o que era a proposta, apenas teciam comentários, e muita “cara feia”. Como então trabalhar com cinco grupos ao mesmo tempo, auxiliando-os, requisitando que estes fossem aos computadores ou a biblioteca buscar mais dados? Foi preciso muita paciência, encontrando soluções sempre que os obstáculos surgiam.

Afinal, enquanto um grupo estava tirando suas dúvidas com a professora, outro estava no pátio (mesas) debatendo, outro no computador e, outro na biblioteca. Era uma verdadeira “bagunça” para os olhos de quem não

sabia o que estava acontecendo, ou, simplesmente não queria saber. Mas com calma e muita paciência, o trabalho foi se desenrolando.

Esses obstáculos foram junto à escola. Junto aos alunos a problemática maior foi fazê-los lerem calmamente já que a idéia de leitura rápida está, ainda, muito incrustada em suas mentes. O lema é: “ler rápido para acabar logo”. Dessa forma, foi muito árdua a tarefa de lhes ensinar a importância de ler com calma e paciência, parágrafo por parágrafo, sendo necessário, por vezes, recorrer ao dicionário, para poder entender o texto em seu contexto. Afinal, não há texto sem contexto.

Aos poucos, os alunos, os grupos foram percebendo que se não fizessem “bem feito”, segundo seu linguajar, o correto daquilo que lhes era pedido, fariam de novo. Lógico, que tiveram momentos muito enfadonhos, cansativos. Ler nem sempre é prazeroso e, ensinar a “aprender a ler”, verificar continuamente se o resultado é o esperado, é cansativo. Efetivamente é desgastante, tanto para o aluno como para o professor.

Entretanto, na medida em que os alunos liam e entendiam o texto, argumentavam, questionavam e, buscavam mais informações, inclusive introduziam no texto apreendido o seu conhecimento da realidade, de seu cotidiano. Isso foi corriqueiro, a partir do momento que os alunos começaram a gostar daquilo que liam. Foi surpreendente verificar que os grupos estavam efetivamente lendo, trazendo seu cotidiano para dentro da escola, para dentro do texto, do conteúdo ministrado e, que com este se identificavam.

Durante todo esse processo de ler e buscar mais informações deparei-me com a seguinte situação: Eu não sabia tudo...eu não sabia quase nada de nada. Foram várias ocasiões que os alunos vieram com notícias, novidades e conteúdos que eu nunca ouvira falar, ou que não sabia mesmo. Ensinar a aprender é com certeza aprender também.

Mas a indagação persiste: Será que todos os professores conseguem implementar uma proposta aonde o aluno traz à tona conteúdos, conceitos, materiais desconhecidos? Como um professor se reportaria diante da situação de determinado questionamento do aluno que o professor não tem nem idéia do que é? Como reage o professor quando não sabe? Ou, quando percebe que o aluno sabe algo a mais que ele?

Afinal, propor um trabalho sério de leitura e interpretação, onde a todo momento o professor está sendo inquerido pelos alunos e, constantemente, sobre assuntos que não faz a menor noção do que é, não é fácil. Cabe ao profissional ser verdadeiro. Quando não sabe, buscar saber. Não se deve jamais minimizar o aluno, seu conhecimento, este pode e, porquê não, saber algo a mais que seu professor. Muitos dos alunos têm maiores oportunidades tecnológicas que os professores e, por isso mesmo são portadores de surpresas. Reconhecer esta realidade, não quer dizer que se é menos que o aluno. Todo mundo sabe algo, todo mundo tem algo que não sabe. Não é porque, se é professor, que se deve saber de tudo.

Dando seqüência ao trabalho, após a exaustiva leitura dos textos foram confeccionados outros textos, dada a interpretação dos alunos. Essa síntese do aluno foi transformada em um jornal falado. Cada grupo escolheu dois apresentadores, que tiveram quinze minutos cada um para reportarem a notícia.

O trabalho nesta fase foi muito interessante já que todos os grupos começaram uma verdadeira competição para ver qual grupo se sairia melhor. Os alunos ficavam tensos e, a princípio pensavam em decorar o texto. Quando entendiam que a “decoreba” a ser reportada no estúdio “ia por água a baixo”, tentavam entender aquilo que iriam relatar. Chegaram à conclusão de que quando se compreende, efetivamente, aquilo que quer dizer, o nervosismo desaparece e o conhecimento flui.

No segundo momento, da implementação da proposta, foi exposto aos alunos um *power point* sobre os mais relevantes impactos ambientais e suas conseqüências, para que estes pudessem escolher temas ambientais, agora mais específicos, a serem trabalhados.

A partir de então os grupos puderam escolher seus temas. A especificidade dos temas se deu porquê, apesar do livro público trabalhado, anteriormente com os grupos, ser um material questionador e amplo, muitos dos temas ambientais passaram despercebidos. A tarefa agora era retomar estes temas, aprofundando-os.

Sendo que os alunos já haviam adquirido conhecimento suficiente sobre impactos ambientais, coube a estes indicarem os temas que achassem mais relevantes em seu dia-a-dia. Como eram quatro turmas, com cinco grupos em



cada uma delas, foram coletados vinte temas e sorteados entre o total dos vinte grupos trabalhados. As turmas, os grupos ficaram com os seguintes temas:

→ 3A: Aquecimento Global; Poluição Sonora; Inversão Térmica; Poluição dos Oceanos; Recursos Minerais.

→ 3B: Ilhas de Calor; Poluição Visual; Chuva Ácida; Agrotóxicos; Camada de Ozônio.

→ 3C: Poluição das Águas; Desertificação; Inversão Térmica; Lixo; Transgênicos.

→ 3D: Água que Bebemos; Desmatamento; Energias; Indústrias; Queimadas.

O trabalho reiniciou com a busca de textos em livros e na *internet*, sobre os temas acima propostos. Cada grupo, sempre com a orientação da professora, pode escolher vários textos, a serem lidos e estudados individualmente pelos componentes de cada grupo. Os alunos já sabiam como ler e interpretar. Após, a leitura e sua “decodificação”, ficou assim chamada pelos alunos à interpretação textual, em grupo, sintetizaram o conhecimento adquirido para a reportagem. No entanto, foi necessário, por vezes, ir buscar mais assunto.

Nesse sentido, os alunos buscaram notícias recentes sobre os temas, entrevistaram pessoas da comunidade que de alguma forma poderiam contribuir, requisitaram ajuda de outros professores, de outras áreas para entender melhor o assunto, o que fez acontecer a tão almejada interdisciplinariedade na escola.

Para citar alguns exemplos do trabalho, o grupo do aquecimento global, teve por base o “folhas” produzido anteriormente pela própria professora, vídeos sobre o tema e jornais. Já o destaque do tema poluição sonora foi uma entrevista junto ao Promotor de Justiça da Comarca de Prudentópolis, onde os alunos passaram a conhecer a legislação sobre o tema. Os alunos que ficaram com a Inversão térmica, trabalharam em conjunto com um dos professores de Física da escola, para, ao apresentarem o jornal falado, poderem mostrar na prática o que era inversão térmica. O mesmo exemplo, de demonstrar a prática dos impactos ambientais foi buscado por vários grupos (ilhas de calor, camada de ozônio, etc), tudo em prol de maior entendimento sobre o seu tema.

Os alunos que trabalharam com os agrotóxicos foram convidados a visitar o local que recicla todas as embalagens dos produtos agrotóxicos na cidade. Tiveram uma excelente aula de campo. Em relação ao tema poluição visual, o grupo foi a campo filmar e fotografar foi entrevistar os vereadores da cidade acerca da legislação que já existe no município sobre o tema.

Um dos trabalhos significantes realizados, em se tratando dos agrotóxicos e transgênicos foram às várias entrevistas realizadas com pequenos agricultores do município, que vendem suas produções orgânicas as escolas municipais e estaduais.

Dando seqüência, os grupos, com o material já pronto e em mãos iniciaram os ensaios para a filmagem do “Repórter Gaia”. Agora, se optou por escolher dois representantes de cada sala, que seriam os âncoras do jornal. A própria turma, que já sabia quem havia se sobressaído no primeiro trabalho, escolheu seus representantes.

Na seqüência, foi agendado com um profissional as gravações para o jornal. Foi uma semana de gravações, cujo local escolhido para estúdio foi a sala do diretor da escola, por ser a mais apresentável da escola. Durante as gravações, o trabalho foi divertido, no sentido de que os alunos acabavam ficando nervosos, apesar de saber o conteúdo, e as gravações se repetiram em inúmeras tomadas, até ficarem boas. Os erros de gravação, gravados em separado, foram posteriormente apresentados para toda a turma, num momento descontraído e divertido.

O processo de ensinar exige que o professor crie subterfúgios. No caso desta proposta, o ensino da Geografia foi voltado à produção de um vídeo documentário, onde o aluno pode perceber que a produção deste material o obrigou a mais aprofundamento teórico, para além do geográfico. Isto porque, a elaboração do vídeo, obrigatoriamente, exigiu a busca de como produzir um vídeo documentário. Segundo Passini (2007):

A elaboração de vídeos de curta-metragem como experiência didática na Prática do Ensino tem possibilitado exercícios de análises e leituras geográficas, pois eles favorecem o estabelecimento de relações entre questões teóricas e práticas (p.135).

Ao término das gravações, os próprios alunos editaram em DVDs suas reportagens, introduziram músicas e confeccionaram as capas (arte) para os

DVDs. Nesse momento, todos os alunos se envolveram no trabalho, alguns na produção, outros na arte do DVD.

Como, anteriormente programado, o final da proposta seria a confecção de banners, cada um descrevendo os pontos relevantes dos temas abordados. Os alunos buscaram e conseguiram patrocínio da Prefeitura Municipal de Prudentópolis, através da Secretaria de Meio Ambiente. Essa produção final na proposta, ou seja, os banners, após exposição foram doados à Secretaria do Meio Ambiente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento da proposta “Repórter Gaia” teve por objetivo ensinar o aluno a ler e interpretar um determinado texto. Este problema é visível em sala de aula e, muito debatido junto aos professores. Entretanto, na maioria das vezes as dificuldades levantadas e debatidas pelos professores não são solucionadas, ora por não “dar tempo”, ora porquê o problema já vem de longa data, ou ainda, porque a responsabilidade, no caso da leitura é do professor de Português.

Aqui, não buscamos responsabilizar ninguém e, sim encontrar uma solução para o problema, pois, todas as disciplinas, em conselhos de classe, afirmam a importância do aluno saber ler e interpretar. Para a Geografia não é diferente, já que o aluno que não consegue interpretar o que lê, não consegue entender o mundo a sua volta.

A solução foi parar e ensinar o aluno. Inicialmente, parecia coisa de primário – ensinar a ler. Mas a intenção foi fazer com que o educando aprendesse a ler a Geografia, que este percebesse que a leitura abre caminhos à curiosidade e ao conhecimento. Foi difícil, pois os alunos, acostumados, queriam ler rapidamente. Não há uma maneira gostosa de se ler, tinha que ter paciência e retornar o texto cada vez que não se entendia o seu contexto. Foi enfadonho e cansativo. Mas o aluno percebeu que era preciso entender para poder escrever, dado o seu entendimento e, posteriormente relatá-lo no telejornal. Por isso mesmo foi preciso atraí-los e, a criação e, editoração do

telejornal foi o subterfúgio necessário. Quando lembrados que seriam filmados, os alunos se empenhavam no trabalho.

No entanto, o principal obstáculo, foi à própria escola já que as aulas, de modo geral, não foram expositivas, pois o trabalho se deu através dos grupos espalhados no colégio, que ficavam lendo, debatendo e pesquisando. A disciplina do colégio estava quebrada, porque o regimento da escola, reza como regra, que aluno tem que ficar em sala de aula. A direção da escola deu total apoio, mas nem todos sabiam o que realmente se passava. Os comentários foram freqüentes.

Apesar das adversidades, os alunos foram, aos poucos, percebendo que tinham que ler, e assim o fizeram. Até mesmo aqueles alunos, poucos felizmente, que não querem ler, estudar ou fazer atividades, acabaram por aderir à proposta, porque todos de alguma forma tiveram que contribuir. O trabalho foi realizado em grupo, mas individualmente cada um era responsável por determinada tarefa, que era cobrada pelo próprio grupo.

Outro fator, de relevância, foi o conteúdo escolhido, pois, os impactos ambientais são presenciados a todo momento e, por todos nós. São temas dos mais variados e que suscitam constantes debates. O aluno percebia que aquilo que o texto descrevia, acontecia em sua casa ou, com seu vizinho. Que esta realidade, tanto debatida internacionalmente, também os afetava localmente, no seu dia-a-dia, no seu cotidiano.

Durante todo o desenvolvimento da proposta pode-se verificar que os alunos foram aprendendo e buscando mais, que a curiosidade levou-os a mais pesquisas, num processo de leitura crítica do mundo. Dessa forma, o escopo da proposta foi atingido, mas é preciso que este trabalho aconteça constantemente. Que não seja resultado de apenas um projeto implementado, mas de uma ação conjunta e constante no âmbito escolar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes e bases da educação nacional**: promulgada em 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Editora do Brasil, 1998.

DUARTE, Newton. **As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento**. Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 20 jul. 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 8.ed. São Paulo: Papirus, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 8.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GIKOVATE, Flavio. **A arte de educar**. Curitiba: Nova Didática, 2001.

GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. **Geografia escolar e as mudanças ambientais globais e locais: elementos para reflexão**. Guarapuava: Unicentro, 2007.

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MENEGAT, Rualdo (org.); GERSON Almeida (org.); SATTERTHWAITE, David *et al.* **Desenvolvimento sustentável e gestão ambiental nas cidades: estratégias a partir de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MIRANDA, Vera. **Aprendendo a aprender**. Atividades e experiências. Curitiba: Editora Positivo, ano 9, n. 2, maio 2008.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de geografia para os anos finais do ensino médio**. Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 13 jul. 2008.

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: pesquisas X propostas**. São Paulo: Ática, 2005.